

ANO XXIX Nº 11 NOVEMBRO de 2012

# MARIÁPOLIS

Noticiário do movimento dos foclares



*Foclares  
temporários*

**Em «casa» no  
mundo inteiro**

**ESPECIAL**  
Genfest  
Geração nova  
em ação

**Na terra  
dos faraós**  
Um «novo» Egito

# A parábola da Palavra

Há uma característica da “nova evangelização”, evidenciada pelo Papa João Paulo II no seu Magistério, que diz: «A nova evangelização será eficaz se souber proclamar dos telhados o que antes se viveu na intimidade do Senhor».

“Proclamar dos telhados”, o que é que significa? Penso que indique simplesmente o nosso dever de não só viver, mas também de anunciar aos outros a Boa Nova. É o que se deduz também de um outro discurso em que João Paulo II afirma: «Não podemos evangelizar se antes não nos evangelizarmos a nós mesmos», «se não formos, pessoalmente, objeto de evangelização». (...)

Nós semeamos a Palavra de Deus há 60 anos em circunstâncias normais, como, por exemplo, nos encontros da Palavra de vida, e anunciamo-la por todo o lado no nosso planeta.

Também usamos os meios modernos no âmbito do Movimento e fora dele. E desde sempre levámos a Palavra até a lugares de grande relevo: aos parlamentos, por exemplo, às instituições mundiais, como a ONU ou a UNESCO... Assim como a universidades públicas ou às da Igreja; às Cúrias Generalícias, etc.

Então, só nos resta continuar a evangelizar de todos os modos. Por exemplo, todos os meses recebemos a Palavra de Deus comentada. O que fazer? Antes de mais vivamo-la nós, e depois criemos por todo o lado ocasiões de encontro com

as pessoas, mesmo com quem conhecemos há pouco tempo, mas que consideramos sensíveis ao nosso Ideal.

Vai acontecer como acontecia nos primeiros tempos do Movimento, quando as pessoas de fora se admiravam ao ver – quase por milagre – no lugar de uma Palavra lida e até talvez meditada, uma comunidade cristã viva, que

continuava a crescer para o bem de muitos e para a glória de Deus.

Refletamos sobre isto neste mês e vivamos neste sentido: é a «nova evangelização» que o Papa deseja também de nós. Constataremos que estamos a fazer algo de grande, do agrado de Deus e esperado pela humanidade. De facto, podemos afirmar que a Palavra de Deus, semeada num bom terreno, não só cria raízes esplêndidas, mas fá-lo de uma forma surpreendente e duradoura. Nestes dias tive mais uma confirmação disso.

Um nosso padre do PIME viveu durante muitos anos no Brasil, numa localidade do Mato Grosso. Era um lugar distante onde tinha comunicado às pessoas o nosso Ideal, e, logicamente, a Palavra.



Março, 2004

Há alguns anos foi transferido para outra cidade e, tendo que voltar àquele lugarejo do Mato Grosso por alguns dias, pensou que o entusiasmo pela Palavra, que tinha notado naquela gente, já tivesse esmorecido com o tempo.

E, pelo contrário, o que é que ele encontrou?

Uma comunidade de 70 pessoas, que o receberam com alegria, preparando-lhe um fim-de-semana de encontros numa sala em cuja parede estava escrito: «Mariápolis 2004». (...)

Trabalhemos então, trabalhemos para anunciar a Palavra sempre e em toda a parte. Começemos este mês a criar novas

ocasiões para difundir a Palavra ou reavivemos métodos já utilizados e eventualmente postos de lado, de modo que a Palavra se difunda o mais possível. Vamos receber alegria nesta Terra e, por cooperarmos com os desígnios de Deus sobre os homens, também a glória no Céu.

Chiara

Pensamento espiritual de Chiara Lubich extraído do texto da Conferência telefônica de 15 de abril de 2004, proposto na Conferência de 15 de setembro de 2012.

1. Idem. Em: *Vita consecrata* 81, in EV 15, 684. Vaticano: Poliglota Vaticana, ed. portuguesa, 25 de Março de 1996, p. 147.

## Sínodo sobre a Nova Evangelização

# A Emmaus é nomeada auditora

**Maria Voce foi nomeada pelo Papa Bento XVI auditora no Sínodo dos Bispos sobre o tema «A nova evangelização para a transmissão da fé cristã», que se realizou no Vaticano de 7 a 28 de outubro**

«A experiência do Sínodo, na qual se evidencia de modo eminente a colegialidade da Igreja, tem uma repercussão muito grande em nós, também por causa do carisma da unidade que nos caracteriza». Com estas palavras, a Emmaus exprime a sua adesão e manifesta o profundo reconhecimento ao S. Padre pela confiança que, com este convite, lhe demonstra, a ela e a todo o Movimento dos Focolares, vendo nesta circunstância uma oportunidade para servir a Igreja universal.

O tema da nova evangelização é sentido de um modo muito especial pela Presidente dos Focolares.

Recentemente, dirigindo-se à comunidade da Argentina, disse: «O Evangelho deve ser a nossa veste. Ajudemo-nos a vivê-lo para anunciar que Cristo está vivo, e para assim permitir que outros O encontrem presente entre nós pelo amor recíproco que nos une».

Também foram nomeados outros dois membros do Movimento dos Focolares: Ernestine Sikujua Kinyabuuma, docente do Instituto Universitário Maria Malkia de Lubumbashi (Rep. Democrática do Congo) e Gisèle Muchati, responsável regional na Síria pelo movimento Famílias Novas, do Movimento dos Focolares.

Desde dezembro de 2011 que Maria Voce é Consultora do Conselho Pontífico para a promoção da Nova Evangelização.





© C.S.C. Audiovisivi - Tajti Krisztián

## Aprofundamentos

# Genfest 2012 Olhem para o alto

**O discurso da Emmaus aos 12 mil jovens presentes no Genfest mostra, em síntese, uma geração em rápida evolução, à qual propõe passar à ação para incidir na sociedade**

Caríssimas e caríssimos

Que emoção ver-vos a todos aqui de cima! Ver esta multidão de jovens e saber que estão à espera que vos diga alguma coisa, esperam uma mensagem, uma proposta concreta.

A primeira palavra que gostaria de vos dizer é: OBRIGADA!

Obrigada por terem aceitado o convite para virem aqui a Budapeste, de todos os lugares do planeta, para construirmos, juntos, pontes de fraternidade e de paz!

Obrigada por terem enfrentado dificuldades e sacrifícios para testemunhar a vocês mesmos e a todos que, quando o objetivo a atingir é válido, os jovens sabem dar-se completamente.

Mas quem sou eu para vos vir dizer qualquer coisa?

Realmente não teria coragem de abrir a boca se não sentisse que posso falar-vos em nome deste grande ideal de fraternidade universal que abracei quando era jovem como vocês e que agora – com os

cabelos brancos – sinto ainda mais vivo, mais forte e irresistível do que nunca.

Viajando pelo mundo conheci jovens do passado e do presente. Vi transformarem-se as condições sociais em que se vive; vi desmoro-narem muitas seguranças; vi o sofrimento por não encontrarem trabalho, por não conseguirem ter outros momentos e lugares de encontro a não ser o barulho vazio das discotecas ou o rumor das corridas loucas de mota... E tudo isso em rápida evolução, em contínua mudança, tornando quase impossível conseguir-se um apoio que não ceda, ou subir uma escada firme, que não trema. Vi crescer uma geração que tem medo. Medo de se iludir e de ficar desiludoda; medo de dar algo de si e ficar depois de mãos vazias; medo de se sentir sozinhos mesmo no meio da multidão.

Contudo, encontrei muitos jovens - entre os quais muitos de vocês - que, apesar de tudo isso, sabem que para a construção de um mundo mais unido, são necessárias mudanças acima de tudo pessoais, e também, escolhas radicais. E eles fazem-nas.

Descobrimo-se irmãos, próximos e solidários, apesar das diferenças e das várias origens, ou melhor, graças a isso, estabelecem verdadeiros relacionamentos de amizade. Nos lugares onde vivem, resolvem situações difíceis; transformam o ambiente circunstante, começando, amadurecendo e crescendo através de gestos quotidianos, das responsabilidades que assumem, da capacidade de dizer sim e não, todos os dias.

É esta geração que agora me conquista o coração e à qual gostaria de dar a mão para a ajudar a dirigir os olhos para o alto.

Sim, digo a todos vocês: **olhem para o alto**. Mirem longe e encontrarão um apoio seguro. Olhem para o amor que é Deus. Ele é o único que não engana. Só ele dará solidez às vossas vidas, nas alegrias e nos sofrimentos. Poderão chegar tempestades, mas não poderão abalar minimamente aqueles que escolheram permanecer Nele, do seu lado. Estejam do lado Dele, procurando ver as coisas e o mundo com os seus olhos, e vocês serão pilares firmes de pontes novas sobre as quais caminharão seguros, e muitos outros vos hão de seguir.

E **não tenham medo!** Sejam vocês mesmos e insiram-se na sociedade, colocando à disposição de grandes e pequenos a vossa personalidade, a vossa competência e os vossos talentos. O contributo que podem dar é único, irrepetível, diferente do dos adultos.

Eu, nós, a geração que vos precede, olha para vocês com confiança por tudo aquilo que vocês são e fazem. Tenham também vocês a mesma confiança.

Os problemas do mundo que nos rodeia, são para nós necessidades a serem atendidas, exigências de justiça, de verdade, de amor. Procurem todas as respostas nos ideais que hoje partilharam e na força que experimentaram, e ofereçam-nas com generosidade, começando por fazer todos os esforços para atingir os grandes e maravilhosos projetos lançados, e de que gostei muito.

Agora, vocês são chamados a gastar a vossa vida por algo de imenso, deixando um rastro imortal atrás de vocês.

Para isso, é necessário **agir imediatamente**, começar, sem esperar e sem parar.

O Genfest, com a sua beleza e grandiosidade, é pouca coisa diante das necessidades da humanidade. O que são 12.000 jovens em comparação com cerca de dois bilhões de jovens do mundo?! No entanto, se os corações dos que estão aqui se transformarem, o mundo começará a mudar. E o coração transforma-se se nele penetrar o único valor que os jovens de todas as latitudes reconhecem como o mais importante: o amor! Comecem, então, a amar concretamente.

O primeiro passo não é o das grandes ações, mas o dos pequenos atos de amor que tornam a vida grande e têm o poder de mudar o mundo e de incidir na sociedade.



Sem medo de ter que realizar quem sabe o quê, mas estar perto de quem passa ao nosso lado. Isso significa amar a pessoa que trabalha na caixa do supermercado, dar atenção ao pobre que nos pede alguma coisa, aprender a fazer a cama por amor ao colega de quarto, lavar a loiça por amor àquele que vai comer a seguir...

E não deixem cair as pontes que construíram hoje.

A primeira ponte foi construída entre todos vocês. Subiram para cima dela e com certeza que já não querem descer. Vocês edificaram juntos uma porção de mundo unido e cada um leva consigo a força desta experiência, quer já tenha participado an-

tes, quer tenha tido contacto apenas hoje. Agora é uma coisa nova!

Desta forma, deste *Sport Arena* pode partir um único rio de amor.

Maximiliano Kolbe – que foi um grande testemunho do amor, dando a sua vida na vez de um companheiro de prisão no campo de concentração – dizia: «só o amor é criativo!».

E Chiara disse-nos que «é preciso dar ao mundo um suplemento de alma, um suplemento de amor. É isto que nós devemos dar».

Então, coragem! Todos unidos nesta maravilhosa aventura!

*Budapeste, 1 de setembro de 2012*

## Ser sinal de esperança

### Bento XVI deseja «paz e alegria sem fim» aos jovens do Genfest

O Santo Padre ficou honrado por ter sido informado da celebração do Genfest 2012, que acontecerá em Budapeste de 31 de agosto a 2 de setembro, e manda calorosas saudações a todos os jovens que nele participarem.

Sua Santidade salienta que a própria cidade é um símbolo eloquente, a vários níveis, das aspirações que levam tantos jovens a reunirem-se para o evento intitulado *Let's Bridge*. As numerosas pontes que atravessam o Danúbio, e que ligavam os antigos habitantes de Buda e Pest e fazem uma única unidade, foram destruídas durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo assim, das cinzas daquele terrível conflito nasceu a determinação de construir a paz sobre bases sólidas, uma determinação que foi a primeira inspiração da fundação do Movimento dos Focolares. As pontes do Danúbio foram reconstruídas e a comunidade internacional comprometeu-se a eliminar de uma vez para sempre todas as condições que poderiam levar a um futuro conflito.

Enquanto a própria Budapeste, juntamente com a maior parte da Europa do Leste, continuou a sofrer sob a opressão de um regime totalitário, também ali surgiram novas possibilidades de liberdade e de solidariedade fraterna depois do fim da Guerra Fria. Desejo que esta lindíssima cidade seja um sinal de esperança para inspirar todos os jovens presentes a oferecer a mão da amizade àqueles que provém de outros contextos e culturas, «para dar forma de unidade e paz à cidade do homem e torná-la, em certa medida, uma antecipação que profecia da cidade indivisa de Deus» (*Caritas in Veritate*, 7).

Com estes sentimentos, o Santo Padre envia a sua Bênção Apostólica a todos os participantes do Genfest 2012, como penhor de paz e alegria duradoura.

*Da carta enviada à Presidente dos Focolares pelo Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano no dia 9 de julho de 2012. (Tradução não oficial)*

Genfest 2012

# São capazes

**Confiança, coragem, certeza de que o ideal da unidade muda as coisas. Em Budapeste, uma etapa importante não só para os jovens, mas para todo o Movimento**

«*Let's bridge?*». «*Yes, let's bridge*».». Foi assim que nos «identificámos», com os meus dois vizinhos no avião no regresso de Budapeste. Um é brasileiro, o outro é libanês. Três línguas diferentes, mas é suficiente dizer aquelas duas palavras para se reconhecer protagonistas da mesma experiência, em viagem juntos nos caminhos do mundo unido. Se ontem o lema de quem desafiava a própria vida por este “sonho” era «Luz e chama»<sup>1</sup>, hoje «*Let's bridge*» – o título do Genfest – é o *leit motiv* de quem assumiu o empenho de continuar a realizá-lo com um pacto planetário que, na era do *Twitter* e *Facebook* alcançou muito mais do que os 12 mil presentes em Budapeste.

*Let's bridge*, portanto, construir pontes, aliás, ser pontes, pode ser considerado o ponto de partida do Genfest, mas também um projeto que tem uma história, um presente, um futuro. Já tinha passado muita água por baixo das pontes – devemos dizer – do Téver e do Danúbio, desde Roma 2000, sede da última edição, até Budapeste 2012, e a espera de ver como tinham

progredido durante estes anos os campos de ação do mundo unido, era notável tanto entre os jovens de ontem, como entre os de hoje.

Para a maior parte dos presentes – a grande maioria – este era o primeiro Genfest em que participavam e, portanto, à emoção de viver um encontro mundial, acrescentava-se aquela de uma experiência absolutamente nova. Mas a emoção, digamos também, não era menos forte para quem poderia contar sobre todos os Genfest, ou ao menos muitos, daqueles realizados desde o primeiro, em 1973 em Loppiano, ao último.

O que é que vai acontecer? A pergunta pairava no ar ao lado do receio, vencido pela fé de que Deus passaria, de qualquer modo, em Budapeste e não seria em vão.

Os Gen, os Jovens para um mundo unido, aqueles do Movimento paroquial e diocesano, tinham-se preparado neste ano que os aproximava do Genfest tendo no coração o desejo que Chiara tinha manifestado aos protagonistas da edição de '75: «Que seja um momento de Deus».

E talvez também Budapeste, onde nasceram precisamente os Voluntários de Deus, logo após os conhecidos factos da Hungria, pedia a Sua intervenção na História dos povos bem



como na dos indivíduos. Foi esta a experiência mais forte de quem, sem medir esforços, preparou o programa, de quem preparou o suporte técnico, de quem organizou o acolhimento. Traduções em 27 línguas, 104 nacionalidades, cristãos de diferentes Igrejas, jovens de outras religiões e culturas, não estão três dias juntos sem um plano bem arquitetado, que, depois, se confia sem dúvida também à Providência, além de num exército de voluntários de todas as idades.

*Let's bridge*, era um convite explícito para construir pontes com indicações bem definidas, resultantes não de uma teoria engenhosa acessível a poucos, mas de uma praxe consolidada na vida de pessoas de todos os cantos do

geração que nem sempre conseguem compreender. Talvez também a eles pode ser útil uma frase que conseguimos tirar da Emmaus (entre uma foto e outra, um colóquio e uma saudação em cada língua para quem não queria perder a ocasião) precisamente para os leitores de Mariápolis: «Tive a garantia de que o Ideal irá em frente. Confiemos neles, porque demonstraram que sabem o que fazem».

Sim, uma das pontes que se atravessaram em Budapeste e que se pode consolidar é talvez aquelas entre as gerações. Emblemática a *standing ovation* e a saudação feita à Emmaus antes da sua intervenção, que ela mesma comentou assim: «Foi uma experiência muito forte, mas, ao mesmo tempo nem tremi,

porque estes jovens me davam segurança, eu sentia que podia contar com eles».

E não passou despercebida a muitos a presença de alguém que viu ou fez nascer o Genfest: Silvana Veronesi, durante muitos anos responsável pelo movimento gen, e Marco Teccilla, o primeiro focolarino. Foi a última pessoa saudei ao partir de Budapeste. Cruzei-me com eles numa estação do metro e ele levantou os braços, feliz. Sim, a experiência do Genfest – porque o Genfest não é um programa, mas uma experiência – deixou uma grande alegria e gratidão no coração de todos: dos jovens de ontem e daqueles de hoje.

1 Ver entrevista a Vale Ronchetti na pág. 22 e o seu perfil em [www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli)

Aurora Nicosia



© C.S.C. Audiovisivi - Tajti Krisztian

© C.S.C. Audiovisivi - Tajti Krisztian



Missa na praça Santo Stefano

© M. Wienken



Mais de 200 jovens de várias igrejas

planeta: as várias experiências contadas, que evidentemente eram só uma pequena parte do todo, faziam intuir que existe muito mais. Sujar as mãos, escavar na lama, colocar os pilares, construir a ponte, atravessá-la, as várias fases do processo, constituíam um percurso traçado, mas também a ser continuado juntos.

E o Genfest deu asas ao projeto.

Os comentários mais frequentes entre os jovens falavam de terem reencontrado coragem, da certeza de conseguirem fazer, apesar de tudo, porque «somos fortes, somos muitos, estamos por toda a parte», diziam. «Era necessário», comentava um outro, para exprimir a necessidade que cada geração de jovens tenha o seu Genfest.

O que foi vivido em Budapeste fez bem não só aos jovens, mas também aos adultos, muitas vezes desanimados ou receosos perante uma

Vídeo e fotos em:  
[www.genfest.org](http://www.genfest.org)



Jovens por um mundo unido

# Existe a Fraternidade Universal?

**Um fórum para partilhar reflexões  
e práticas positivas**

Depois do Genfest dos 12.000 participantes, quase todos voltaram imediatamente para casa. Outros, pelo contrário, também partiram, mas para Roma. No Fórum dos Jovens para um Mundo Unido, 500 jovens encontraram-se para conhecer o UWP, ou seja, United World Project, um projeto realmente audacioso e apaixonante ([www.unitedworldproject.org](http://www.unitedworldproject.org)) lançado precisamente durante o Genfest!

Uma grande variedade de rostos, culturas



e convicções “religiosas” (de facto, eram de várias Igrejas cristãs, e também estavam presentes uma hindu e outros que não professam nenhuma fé) mas todos lançados e decididos a construir pontes de fraternidade, relacionamentos autênticos, profundos, vendo a diversidade como uma riqueza.

Uma manhã inteira para conhecermos melhor quem somos, o que fazemos (os “fragmentos de fraternidade”), os muitos caminhos para um mundo unido... Depois, entrámos no tema do Projeto, isto é, a fraternidade universal: o que é verdadeiramente?! Existe?! Onde?! Para introduzir os trabalhos, duas páginas preparadas juntamente com Alberto Lo Presti do Centro Igino Giordani: «A fraternida-

de na perspetiva do carisma da Unidade» e «A fraternidade vivida: exploração planetária», que depois se tornaram o fio condutor.

Um ilustre grupo convidado para partilhar experiências de fraternidade nos seus respetivos campos de ação/competência apresentou temas de grande atualidade que iam de «Informação e Fraternidade» até «As armas, a guerra e a nossa responsabilidade» passando por «Mundo unido, ecologia e sustentabilidade» sem esquecer «Fraternidade e política: mediação, responsabilidade e concretização»...

Momentos de reflexão sobre o carisma da unidade, a audiência com o Papa – onde ele dirigiu uma saudação especial aos jovens dos Focolares –, comunhão de experiências, temas ao vivo, mesas redondas, encontros por grupos, momentos recreativos, desporto, um showcase (apresentação) dos costumes típicos dos vários Países.

Também houve as visitas culturais: a Roma, com um tour para conhecer também



a vida dos primeiros cristãos, a Florença e Loppiano. Em Florença, uma prenda muito especial: o formidável acolhimento da comunidade focolarina. Dirigimos um agradecimento especial ao cardeal Giuseppe Betori pela calorosa carta de boas vindas.

Depois da passagem por Loppiano via-se uma indescritível alegria nos olhos de muitos. Como bem expressou um dos jovens: mais do que uma oportunidade de viajar, o Genfest e o Fórum foram uma viagem interior.

Então, até ao próximo encontro na Terra Santa, em Jerusalém, para a Semana Mundo Unido 2013 que encerra o ano do Genfest. E «let's bridge»!

*A secretaria central  
dos Jovens por um Mundo Unido*

**11 2012  
MARIÁPOLIS 9**

# Continuando a construir pontes

**Depois do Genfest, 1.241 gen encontraram-se em Castel Gandolfo para uma semana muito especial**

As escolas gen2 pós Genfest com 1.241 participantes provenientes de 40 nações dos continentes extraeuropeus realizaram-se no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. A entrevista feita à Emmaus ainda em Budapeste, na conclusão do Genfest, transmitida na abertura das escolas, foi o primeiro passo e o melhor modo para começar uma semana cheia de prendas e de frutos.

Depois da experiência luminosa do Genfest, as gen e os gen chegaram às Escolas com uma grande sede de penetrar profundamente na essência da sua vocação e na realidade da Obra e foi com inesperada energia que receberam cada momento do programa, com muita atenção e participação.

O empenho de construir pontes, assumido com seriedade em Budapeste, aqui, no Centro, realizou-se plenamente, no relacionamento verdadeiramente especial com o Papa na Audiência de quarta-feira, com Chiara, com a Obra (na visita ao Centro da Obra e à casa de Chiara e com as participações de alguns das e dos primeiros focolarinos e de membros do Centro da Obra) e por fim com os Centros

gen2, e isto manifestou-se, entre outras coisas, numa comunhão de bens que ultrapassou todas as expectativas.

Eis algumas expressões que demonstram o clima vivido por eles: «Para viver o amor recíproco, recebemos este dinheiro de providência que vos queremos entregar. Na nossa unidade somos dez gen, e aqui estamos oito. Sentimos que fazemos parte do Centro gen». «Queremos oferecer a nossa comunhão de bens. Voltamos para as nossas zonas todas transformadas e prontas para irradiar a vida gen por toda a parte».

Em muitos deles manifestou-se claramente a exigência de serem cada vez mais radicais, de darem tudo.

A Missa conclusiva com o Pacto de unidade, na presença das primeiras e dos primeiros focolarinos, recebidos numa explosão de amor, foi o sigilo que parecia mesmo o sinal de uma entrega solene do testemunho da primeira à segunda geração.

As e os gen experimentaram uma grande abertura, ao acolherem logo no início o grupo de budistas da Rissho Kosei-kai e concluindo a escola juntamente com os Jovens para um Mundo Unido, para aprofundarem juntos o United World Project, que deixou no coração de cada um o impulso de se lançar a levar o Ideal do Mundo Unido a todos.



*Os Centros gen2*



No Líbano

# Um relacionamento especial com Bento XVI

**A visita do Papa ao Líbano deu uma nova esperança ao País. Houve muitas ocasiões de encontro com as pessoas do Movimento**

Na sua visita ao Líbano, de 14 a 16 de setembro, por ocasião da entrega da Exortação Apostólica «Ecclesia in Medio Oriente», Bento XVI permitiu que o país inteiro vivesse - em todas as suas componentes religiosas, políticas e civis - dias de paz e de alegria, de esperança. Muitas pessoas do Movimento colaboraram, nas dioceses e nas paróquias, na detalhada preparação e, como muitos, sentiram-no particularmente próximo, fascinados pela sua doçura, inteligência e doutrina, pelas palavras sinceras e exigentes que pronunciou no decurso da sua viagem.

Cinco gen estavam presentes para recebê-lo à chegada e para saudá-lo na partida e, como todos os jovens do País, sentiram-se profundamente compreendidas por ele. No encontro com ele estavam 25.000, de diferentes ritos e religiões, valorizando o seu ser jovens, cristãos e muçulmanos juntos, impulsionando-os a dar esperança e um futuro de paz ao Médio Oriente e respondendo plenamente às suas exigências e problemas.

Naquela ocasião foi distribuído o *Youcat* traduzido em árabe, tendo na capa uma signi-

ficativa frase: «Este livro é uma prenda pessoal do Santo Padre».

«O Genfest continuou com a vinda do Papa», comentaram os gen, depois da sua passagem. «A vinda do Papa deu-nos segurança, tranquilidade e paz. Foi como se Jesus estivesse aqui!», «A minha impressão sobre o Papa mudou».

Domingo, 16 de setembro, na conclusão da Missa no centro da cidade, também com a presença de muçulmanos, foi entregue aos Patriarcas e aos Bispos presentes e a uma representação de sacerdotes e de leigos, a Exortação Apostólica. Entre estes estava Mirwet, focolarina síria do Patriarcado sírio-ortodoxo de Antioquia, que se apresentou como focolarina síria ortodoxa, levando-lhe «o amor e a fidelidade da nossa comunidade e o empenho de procurar pôr em prática a Exortação Apostólica». A estas palavras o Papa respondeu: «Estou muito reconhecido aos focolarinos, leva a eles a minha gratidão».

Foi mais um toque de alegria especial naqueles dias de grande luz e de paz, para nós e para todo o País, dias que definimos como um verdadeiro «colóquio pessoal» com o Papa.

*Arlette Samman, Giorgio Antoniazzi*



## Viagem de Emmaus

Um «novo»  
Egito

**A Emmaus e o Giancarlo na terra dos Faraós para o encontro dos Bispos, de diferentes Igrejas, amigos do Movimento, e vários encontros com a comunidade dos Focolares**

A visita da Emmaus e do Giancarlo Faletti ao Egito, motivada pela participação no encontro dos Bispos amigos dos Focolares e pelo desejo de uma visita ao Movimento na terra dos Faraós, concluiu-se precisamente enquanto iniciavam, no coração do Cairo, as demonstrações por causa do contestado filme produzido nos EUA.

A Presidente e o Copresidente do Movimento, além de terem participado no 31º Encontro dos Bispos de várias Igrejas, puderam estar presentes na noite de encontro, perto do Patriarcado copto-ortodoxo, recebidos pelo atual Administrador da Igreja, Anba<sup>1</sup> Bakhomios, num clima de grande abertura, estima e gratidão recíproca. Anba Bakhomios dirigiu palavras de particular apreço em relação à Emmaus: «A nossa Igreja dá grande importância à mulher. Foi a uma mulher, Maria Madalena, que Jesus Ressuscitado apareceu pela primeira vez».

Depois, seguiram-se encontros com a comunidade dos Focolares, que é muito viva, com os focolarinos e com as focolari-  
<sup>1</sup>“Anba” significa “Bispo”.

nas que vivem nos focolares do Cairo e de Sohag, no sul do País, com os jovens e com o Conselho da zona.

«Faraós, gregos, beduínos, nubianos, cristãos, muçulmanos... O Egito de hoje é a síntese destas culturas e crenças que deram origem à unicidade do caráter egípcio, com as suas belezas, as suas originalidades e, também, as suas contradições», sintetizou a Sally, uma jovem do Cairo, durante o encontro com os 350 membros e aderentes mais próximos dos Focolares. Antes do diálogo dos participantes com a Presidente e o Copresidente, passou-se uma hora a transcorrer os milénios de história deste povo: desde a civilização que surgiu ao longo do rio Nilo até à revolução da Praça Tahrir, símbolo daquela «primavera árabe», que representa a realidade que o País e os seus habitantes enfrentam atualmente. Nesta história milenar inseriu-se tam-



## Com a Igreja copto-ortodoxa

**Durante a Conferência telefônica de 15 de setembro, a Emmaus, falando do encontro dos Bispos, disse:**

*«O momento mais alto foi o encontro que tive com o representante da Igreja copto-ortodoxa. Tive a impressão de que ele notava nestes Bispos uma presença particular da Igreja universal que o apoiava neste momento difícil que estão a viver. E parecia-me esplêndido, sobretudo, que ele visse estes Bispos de diferentes Igrejas, ali, acompanhados pela Obra de Maria.*

*Foi talvez a primeira vez que a Igreja copto-ortodoxa recebeu tantos Bispos assim e, em particular, os representantes de um Movimento que oficialmente pertence à Igreja católica».*

Anba Tomas, colaborador estreito do Administrador da Igreja, sublinhou que «toda a experiência destes dias, com os Bispos, foi de uma solidariedade em ato».

«Os cristãos do Egito – continuou – sentiram a unidade dos cristãos do mundo. É o Espírito que se move entre nós, e está a demonstrar que, se nos empenhamos e confiamos uns nos outros, a unidade entre as Igrejas é realmente possível».



bém a pequena história do Movimento dos Focolares, que começou com a chegada da Aletta Salizzoni, juntamente com a Mariba Zimmermann e a Marise Atallah, no dia 26 de janeiro de 1981: um momento que mudou a vida de muitas pessoas da comuni-

dade cristã, formando, também nesta terra, um grupo de pessoas que vivem para construir, com o amor recíproco, comunidades onde Cristo possa viver no meio delas. Atualmente, estas comunidades existem em Sohag, Assiut, Luxor, Aswan, Alesandria, Ismailia e outras, até em muitas pequenas aldeias. Enfim, reviveram-se as páginas escritas a partir da «revolução», como lá é definida a chegada do focolar. Naquelas semanas, «era difícil sair de casa, não havia segurança e fixámo-nos no momento presente. Rezámos ainda mais



e procurámos ajudar os outros. O resultado desta vida foram novos relacionamentos com os nossos vizinhos de casa e entre cristãos e muçulmanos. O medo transformou-se em amor recíproco, comunhão e alegria. Sentimos a unidade de toda a nossa grande família.

«Vocês iluminaram o Egito», é uma frase dirigida como boas-vindas às visitas. Poucas palavras ditadas pela sabedoria de uma cultura que vê no hóspede a presença de Deus e, portanto, o considera como uma dádiva. Foi precisamente esta fra-

se que dirigiram em mais de uma ocasião à Emmaus e ao Giancarlo, nos vários momentos de diálogo que tiveram com diferentes grupos do Movimento dos Focolares, desejosos de ouvi-los, sobretudo diante dos desafios que o País enfrenta hoje, mas também na perspectiva dos problemas ligados ao relacionamentos entre as Igrejas e ao futuro sociopolítico.

O que significa viver o Evangelho neste contexto? Como podemos ser abertos a todos numa sociedade onde existem discriminações? Como fazer para perceber as escolhas de vida para o nosso futuro, quando somos jovens, ou as escolhas para a própria família? Foram perguntas estimulantes.

Depois de ouvir com atenção, a Emmaus e o Giancarlo encontraram respostas nunca imaginadas e muitas vezes provocantes pela radicalidade que propunham, referindo-se sempre ao Evangelho. Sobre tudo, expressaram a gratidão, a todos aqueles que encontraram, pelo seu empenho em viver a mensagem do amor evangélico segundo a linha da unidade. «A quem perdeu a esperança, eu diria “obrigado” por ter acreditado e esperado», disse o Giancarlo a uma professora que contou que, quando estava com outras pessoas comprometidas em viver a espiritualidade de comunidade, depois de terem sentido a necessidade de serem positivos, não escondiam o medo pelo futuro, confessando «não querer perder a esperança e a fé». «A vossa vida é marcada por uma grande provisoriedade – reconheceu o Copresidente -. Está a acon-

tecer uma mudança histórica com muitos imprevistos. Nós partilhamos convosco esta insegurança. Consideramos-vos irmãos prediletos. Vocês não estão sozinhos». «Enquanto puderem permanecer na cidade onde Deus vos colocou, vocês contribuem para o projeto de Deus sobre a humanidade», concluiu.

Os desafios, por outro lado, estão presentes na vida quotidiana. A um jovem pai de família, que salientou a dificuldade de viver numa sociedade baseada no «olho por olho e dente por dente» e que perguntou «como ensinar aos filhos a enfrentar a sociedade de modo evangélico, sem ser fracos», a Emmaus lembrou que era precisamente esta a sociedade em que Jesus viveu, levando uma lei nova, a lei do amor ao irmão e do perdão. «Ajudem os vossos filhos – sugeriu a presidente – a descobrir que a verdadeira força é a de quem consegue dominar-se a si mesmo. Devemos ajudá-los a ver que não reagir com violência significa ser mais fortes».

O encontro com uma centena de jovens em cujos olhos a Emmaus disse que viu «a inteligência do amor» foi vital. Em todos eles é viva a lembrança dos acontecimentos da praça Tahrir, e da revolução que significou um sonho para milhões de egípcios. Mas, há quase dois anos de distância, muitos reconhecem que se vive «um momento de sofrimento no mundo árabe». Como ser aquela verdadeira revolução para se ser luz que ilumina? Perguntou um jovem. Aproveitando desta pergunta, que

definiu «muito bonita, porque tu queres ser isto», a Emmaus lançou um desafio. «A revolução na vida de um jovem que quer viver a espiritualidade dos Focolares é viver Jesus, que disse: “Eu sou a luz do mundo”. Esta é a verdadeira revolução: perguntar-se o que Jesus faria hoje, aqui».

*Roberto Catalano*



# Vida Sacerdotal

## Ter a Igreja como horizonte

**Multiplicam-se nas Cidades os Centros que irradiam a espiritualidade de comunhão muito além do círculo do Movimento**

«É uma ideia formidável. É necessário pô-la em prática». Com estas palavras Chiara, em novembro de 2007, respondeu à pergunta se os focos sacerdotais nas Cidades poderiam desenvolver-se gradualmente em «Centros de espiritualidade de comunhão para sacerdotes e seminaristas».

Estavam a trabalhar naquela altura com este nome três Escolas sacerdotais – em Loppiano, Tagaytay e Nairobi – que se dedicavam sobretudo à formação de sacerdotes e gens. Agora abria-se uma nova perspetiva: irradiar a espiritualidade de comunhão na Igreja, através de encontros, retiros e outras iniciativas.

Todos os verões, aproveitando os encontros dos responsáveis dos sacerdotes focos, fazemos o ponto da situação destes Centros, que se desenvolvem em colaboração também com os sacerdotes voluntários. Foi encorajador o quadro publicado em agosto passado. Agora são onze, alguns mesmo no começo. Qual é o seu segredo? A vida de Jesus no meio, não só entre os sacerdotes mas também em relação às Cidades, que espontaneamente atraem e «produzem».

Em Loppiano, a Escola «Vinea mea» está em fase de reestruturação. Reabrirá em fevereiro de 2013, com uma equipa de animadores reforçada e um programa revisto. Entre as iniciativas desta Escola está um Curso anual para educadores nos seminários, na segunda metade de julho.

Na cidade Fiore, na Polónia, todos os anos se fazem cursos ou retiros animados pelo Ideal, não só para sacerdotes, religiosas e religiosos, mas também com paróquias. Em Madrid, à volta da Casa «Cor Unum», re-



Escola anual na cidade Ginetta

floresceu uma esplêndida realidade gens. Na cidade Gineta, seis seminaristas, dos quais dois do Peru e dois do Equador, estão a viver uma Escola anual. Também em Tagaytay, na «Escola Epi» (Epifania), se realiza um curso anual, com quinze seminaristas, das Filipinas, Coreia, Tailândia e outros Países da Ásia. Na cidade Piero (Nairobi), além de cursos de um mês para a formação de sacerdotes e gens, está-se a preparar um Curso de espiritualidade de comunhão ao serviço das dioceses. E podemos continuar...

Mencionamos por fim a experiência da Cidade de Ottamaring, na Alemanha. Na «Casa Paulo VI» convivem sete sacerdotes de idade avançada. O vivo amor recíproco que os une, fala por si a muitos. Colaboram com eles também outros sacerdotes da Obra. À sua volta há uma grande irradiação que chega até aos pastores luteranos na Suécia e à província de uma congregação religiosa masculina da Alemanha, que organizou mesmo uma grande e participada manifestação sobre a vida dos sacerdotes hoje, proposta juntamente com o Movimento de Schoenstatt, em maio passado, no «Katholikentag» (o grande encontro de católicos alemães) em Mannheim.

Espera-se mais: com o tempo deverá nascer um «Centro» semelhante também na Terra Santa.

*p. Hubertus Blaumeiser*



Projeto de reestruturação de «Vinea mea»

## Focolarinas

## Férias para dar vida

**Assim foi chamada a Escola de verão realizada na Suíça. Eram 131, dos cinco continentes, em «viagem» pelo mundo**



Acontece às vezes poder dar a volta ao mundo permanecendo parados e conseguindo percebê-lo através de sons, cores, sabores, histórias de vida e fisionomias que às vezes até se confundem.

Isto aconteceu em Baar, localidade na Suíça alemã, não longe de Zug e da mais conhecida cidade de Zurique.

Tendo todas feito um percurso, tinham o desejo de refletir e parar um momento, após alguns anos do início, as focolarinas – casadas e não casadas – viveram os passos importantes da própria escolha e da espiritualidade da unidade passando uma semana juntas, de 15 a 22 de agosto.

Ao ouvir a história de cada uma, demos uma volta pelo mundo. Voámos do vasto território da América do Norte até à Oceânia; percorrendo o inteiro continente americano conhecemos o magnífico Brasil. E o resto da América Latina? Depois da passagem da Emmaus

e Giancarlo, que ali evidenciaram a abertura importante também sobre a dinâmica dos relacionamentos, foi partilhado pela comunicação das que lá estiveram, tudo isto, com os reflexos sobre a vida de cada uma.

Permanecendo no âmbito dos grandes espaços, lembramo-nos logo da Ásia, um continente muito diversificado na composição dos seus Estados, pela presença de diversas religiões, culturas, povos... Ainda assim, aqui, não se pode deixar de constatar como são muitos aqueles que fizeram do focolar o próprio projeto de vida.

Igualmente edificante foi conhecer as histórias, como aquela que conta a drástica decisão tomada depois de uma forte incompreensão no focolar. Com a mochila às costas diante de um semáforo, uma pergunta: «Estás-me a abandonar?» e imediatamente a resposta: «Não, eu não Te deixo, deixo aquela gente!». Mas havia qualquer coisa que não encaixava. Era preciso pelo menos clarificar. Para isso, fazer o caminho de volta a casa, um colóquio sem olhar para o relógio serve para dissolver todas as sombras, e arrumar a mochila!

E nos focolares onde, para respeitar os limites de idade, tudo se faz mais lentamente, como é que está a correr? Como são os relacionamentos com as pessoas? O relato sobre





o que aconteceu em França abriu-nos uma janela comunicando-nos a experiência de Rachele, jovem escuteira que num estágio no Líbano ouviu falar do Movimento dos Focolares. Assim, de regresso à França, procurou na Web a morada do Focolar mais próximo. Foi desse modo que Marie Helene e as suas companheiras a viram chegar (ao Focolar), mas não sozinha, veio acompanhada de outras amigas. A partir deste contacto uma delas percebeu a vocação para uma ordem monástica, enquanto Rachele, que se vai casar dentro de pouco tempo, tem a certeza que, ali no Focolar, há qualquer coisa para ela! Maria, ao contrário, casada há 35 anos, comunicou como viveu a doença do seu marido durante cerca de trinta anos, encontrando em si mesma, na fé, no focolar e nos amigos a força para ir em frente.

É a vida que avança, e à luz disto, com dois especialistas na matéria, dedicou-se um tempo à «chance do envelhecimento», um momento muito precioso para procurar ser, mais do que fazer, e viver em plenitude a radicalidade e beleza da vocação de dar tudo a Deus. Mas o que quer dizer 'dar uma chance' a este momento da vida?

Falámos deste ponto com a Ulli, psiquiatra e especialista na matéria: «É importante ter um estilo de vida são. Ser-se sinceros consigo próprios. Responder às questões quando se apresentam, não adiá-las, porque voltarão a surgir. Atingir uma maturidade humana. Fazer atividade física. Mas, sobretudo, aquilo que posso dizer, repetindo a frase de Noemi Feil - especialista no campo e idealista de um método muito eficaz para a demência senil - é: «todos gostariam de morrer numa casa arrumada». Portanto a esta casa, que é cada um de nós, devemos dedicar o nosso cuidado em cada tempo e em cada idade».

O tempo de férias terminou, voltámos para casa, cada uma vai retomar as suas atividades, mas sem dúvida com um olhar mais amplo e um coração maior. As férias foram realmente «umas férias para a vida»: quem, ou o quê nos poderão tirar aquilo que partilhámos e a vontade de olhar em frente?

*Lina De Maina*

## Voluntárias Seguindo os passos de Chiara

**No Centro Mariápolis de Cadine (Trento) 400 Voluntárias de 50 zonas dos cinco continentes, na maioria católicas, com representantes de outras Igrejas cristãs. Nove línguas diferentes, entre as quais árabe, japonês, russo e chinês.**

«Viver juntas nove dias com voluntárias de todo o mundo, nos lugares onde Chiara cresceu e tudo começou, foi uma experiência extraordinária! Aqui foi-nos dada a oportunidade de renovar o nosso chamamento e fizemo-lo» dizem as voluntárias da Rússia. «Foi uma experiência muito forte de família, sentirmo-nos uma coisa só com as voluntárias de todas as latitudes, tão diferentes, mas tão iguais, admirar a heroicidade de viver o Ideal de muitas delas. Uma conversa». Dizia uma espanhola. Entre as muitas asiáticas presentes na escola, uma coreana disse: «Como muitas de nós, era a primeira vez que estava em Trento. Senti palpitar por todo o lado o Ideal e a atmosfera de Chiara e das primeiras focolarinas».

Uma grande graça foi a presença de Bruna Tomasi que, com a sua sabedoria, nos pre-



parou para o tema sobre o Paraíso de 49, comunicando-nos também a sua experiência de vida. «Pôs em nós o fogo que elas tinham, as primeiras companheiras de Chiara e fez-nos ter a consciência de que também nós “estamos entre as primeiras” e como elas devemos viver para transmitir a todos o Ideal genuíno», comentava uma. Um momento forte foi o «sim» a Jesus Abandonado. Fez-me pensar no meu país –observava uma voluntária de Paris. Em França os cristãos não são perseguidos, mas há o relativismo, o materialismo, o ateísmo e em nome da laicidade procura-se anular o nome de Deus. Só o amor a Jesus Abandonado é capaz de afastar estes pedregulhos cheios de falsas certezas. E com Jesus no meio tudo é possível».



Ma a unidade é uma conquista, nunca terminada, às vezes difícil.

Durante a escola, as voluntárias do Japão e de Hong Kong quiseram ficar no mesmo grupo. Naquele clima de unidade decidiram confiar a Jesus, durante a missa, todos os erros cometidos pelos seus povos no passado, com a promessa de ser, também na zona, sinal de unidade entre as suas nações. «Eu falo muitas vezes com Deus – confessou uma voluntária de Barcelona – mas ouvi-Lo com o silêncio interior é im ginástica que só comecei aqui. Aprendi a ter uma consciência mais clara da vocação, apresentada com uma luz nova pelas voluntárias do Centro.

Vi um corpo que apoiava o andamento da escola».

O P. Amadeu Ferrari simplificou-me o significado da “consciência moral”, iluminando-a em “consciência de amor”. Os aprofundamentos sobre a família, pela Ana e Alberto Friso esclareceram muitas situações.

Annamaria Sanità e Domenico Mancinelli, de Humanidade Nova, ajudaram-nos a descobrir como potenciar a incidência das voluntárias na sociedade».

Depois da escola, alguns grupos foram a Mollens: «O nosso “Paraíso” continuou indo a Mollens, onde encontrámos Eli Folonari, Gis Calliari, Doni Fratta e Anna Paula Meyer. A presença de Chiara na casa era grande, mas era ainda maior nestas focolarinas. E como Chiara “desceu do Paraíso” por amor a Jesus Abandonado na humanidade, assim também nós nos comprometemos em levar o amor para onde formos».

No seu regresso à Rússia a responsável das voluntárias escreveu-nos: Uma tarde fiquei chocada por aquilo que vi numa rua de Moscovo. Pessoas que gritavam e discutiam ou tinham bebido tanto a ponto de já não se manterem de pé. Havia mesmo uma esposa que amparava o marido embriagado. Que contraste com aquele clima de família sobrenatural que tinha deixado! Dentro, senti um convite forte: é no meio desta multidão que devo viver, para a amar e consolar, dando-lhe a conhecer a verdadeira felicidade».

Sim, esta é a atração dos tempos de hoje!

*Maria Ghislandi*



## Focolares temporários Com as malas nas mãos

**Do Congo ao Peru, da Nicarágua ao Paquistão, foram diversas as nações abrangidas pelas focolarinas e focolarinos que dedicaram as suas férias a encontrar comunidades do Movimento que estão longe dos focolares**

Partir é, sem dúvida, um dos verbos típicos da vocação focolarina. Faz-se no início, quando se deixa a casa, os pais, a pátria e faz-se muitas outras vezes na vida. Às vezes são viagens breves, quer pela duração quer pela distância percorrida. Outras vezes a viagem pode ser mais longa, segundo os parâmetros citados. Em suma, o focolarino, além de todas as esplêndidas definições dadas ao longo dos anos por Chiara, é também alguém sempre com as malas na mão, porque a sua casa é o mundo.

Desde há alguns anos para cá, desenvolveu-se a prática de constituir focolares temporários. Focolarinas e focolarinos, de diversas zonas do mundo, ou do Centro do Movimento, dedicam o período das suas férias a irem ao encontro de comunidades geograficamente distantes dos focolares. É uma expe-

riência rica, pelos múltiplos reencontros e os inumeráveis frutos tanto para os que vão como para os que os recebem. Ouçamos alguns dos protagonistas.

«Quando soube da possibilidade de ir construir um focolar, ainda que só por poucas semanas, numa nação onde não há focolar no resto do ano, não tardei a dar a minha disponibilidade – conta Massimiliano D’Alisa de Pisa – eu italiano, “habitante” num focolar italiano, senti-me quase no dever de dizer o meu “sim”, para ir contemplar com os meus olhos a beleza que pode existir na humanidade, também fora da Europa. E, ao mesmo tempo, para admirar o milagre do Ideal, que chega até aos confins da Terra. A experiência que vivi,

nas três semanas passadas na América Central, foi das mais fortes e entusiasmantes da minha vida.

Aterrando em São Salvador (capital de El Salvador), depois de uma viagem tão longa que até perdi a conta exata das horas, um cartaz fixo na



parede da entrada do focolar – “bem-vindos a casa” – anulou num instante os quilómetros de distância da minha terra natal. Apenas poucos dias para diminuir os efeitos do tão temido fuso horário e para me orientar no novo mundo, e partimos de novo: com destino à Nicarágua.

O longo trajeto percorrido de carro deu-me a oportunidade de contemplar as estradas, as casas, as cidades. Mas, sobretudo, os rostos de uma humanidade bastante sofrida, mas, ao mesmo tempo ... feliz. Sim, feliz: de uma felicidade que, sem dúvida, nós dos “Países

Em Goma, no Congo





Lumumbashi (Congo)



Cuba



Nicarágua

ricos" – mas ricos de quê? pergunto-me cada vez – não conhecemos».

O programa dos vinte dias decorridos em Manágua previa uma série de «encontros» com pessoas de todas as idades que levam Massimiliano e Oscar A. Monteza Jimenez, do centro Gen4, a experimentar «um pouco daquilo que, nos primeiros tempos do Ideal, deve ter sucedido em Trento, ao redor da caseta na Praça dos Capuchinhos número 2: um vaivem de pessoas discreto, ordenado, mas muito caloroso!».

É inútil falar da gratidão recíproca que... trouxemos na mala.

Há quem tenha a possibilidade de fazer este tipo de experiência talvez só uma vez na vida. Outros, pelo contrário, repetem-na durante muitos anos. É o caso de Ives Artigas que voltou no último verão pela quarta vez a Cuba, onde se viu que era útil iniciar o estudo da doutrina cristã nas várias comunidades, tendo como texto base Youcat, o catecismo que o Papa Bento XVI confiou aos jovens e servindo-se do programa que o Centro gen2 elaborou como

anexo a esse texto.

«Durante três semanas – contou ela –, com outras duas focolarinas do lugar, estivemos em três cidades da zona oriental.

Para as pessoas de lá foi uma nova experiência estudar com Jesus no meio. De facto, muitos deles estão habituados a frequentar cursos de aprofundamento, que a Igreja promove para a formação dos leigos. Mas o facto de se aprofundar o texto base, o Catecismo da Igreja Católica e depois o texto do carisma, que iluminam os pontos fundamentais da nossa fé, foi uma graça para todos: criou-se uma profunda e intensa comunhão de experiências. É impressionante o amor pela Sabedoria que este povo possui. Quando se concluía o encontro, todos já queriam saber quando seria a próxima lição. Agora, depois deste primeiro impulso, continuam os encontros também noutras cidades. Mas tivemos também forma de nos encontrarmos com as famílias, visitando as casas que, com o contributo da AMU, se reconstruíram depois do ciclone de 2008». E ainda um congressinho gen3,

encontros gen4, momentos de distração com as voluntárias. Uma outra ponte que se vai construindo.

Mudança de continente.

Desta vez viaja-se pela Ásia, no Paquistão, onde Annette Löw, alemã, na Mariápolis romana, passa um mês. O encontro com hábitos totalmente diferentes – desde o pequeno-almoço com pão árabe frito e lentilhas picantes, ao racionamento da água e da corrente eclética – encheram a bagagem de conhecimentos que mudam a percepção do mundo. Faziam-se contínuas descobertas, como nos conta a Annette: «A Cidadela Esperança: uma verdadeira jóia! Chegámos à noite, no escuro, mas sentia que tinha chegado a casa! Quando me levantei parecia-me ter tocado uma "terra santa", terra abençoada verdadeiramente, por uma fortíssima presença de Deus! Entrando depois na capela, mais de uma vez me comovi, porque Jesus está ali, vivo, no tabernáculo, sempre, à nossa espera, que milagre! Isto ajudou-me a viver em profunda união com Deus. Depois há a presença de Jesus entre



e com os habitantes! Gente maravilhosa que me roubou o coração. Que riqueza mergulhar neste mundo diferente, fascinante e, através da comunhão de bens, poder vestir-me também eu à "paquistanês". E não faltou um pouco de turismo a Lahore e Islamabad, com as suas imponentes mesquitas.

Algumas anotações geográficas fazem compreender as dimensões de certos Países e redimensiona a ideia de distância que muitos de nós, europeus, possamos ter. Foi assim que Renato Zanatta, Vicente Correa, de Granada e Silvano Roggero, de Bogotá descreveram o território do seu focolar temporâneo. «O Peru é um estado ao longo de 2800 Km. A última cidade a sul, Taca, é a 500 quilómetros do focolar feminino de Arequipa; voltamos a subir mais de 1000Km e estamos em Lima, onde estão os dois focolares (masculino e feminino); e outros 1300 Km a norte e encontramos-nos no limite com o Equador. Nada mau, não acham?». Neste país tão comprido, onde não faltam vulcões e outras montanhas altíssimas, as tempera-

turas descem rapidamente, e a população local tem ritmos muito diferentes daqueles frenéticos do mundo ocidental. No entanto, é igual a experiência de família: também aqui, jovens, adultos e crianças, sacerdotes e leigos, mantêm vivo o caminho em direcção à unidade, que se consolida também com o contributo dos que temporariamente lhe acrescenta uma pedrinha.

Neste mosaico não falta a África com Donato Ruffo da Holanda e Basile Fotso de Rocca di Papa, que com Paul Legrand focolarino do lugar, foram a Lubumbashi (Congo); Florence Gillet do Centro Chiara Lubich que foi também ao norte do Congo, onde já vai há diversos anos. Bernadette Verhegge, do centro de traduções, voltou também este ano ao Benni. E à República Centro-africana, em Bimbo, Jovin Misigaro e Privat Namsona, vindos de Douala com Char-

lemagne, gen2 do lugar. Na Tanzânia, em Mbeya, Sigi Dubiel, do focolar de Viena, com Paul Kintu e Flavio Rovere do Quênia, Ponsiano Chang'a do Gen Rosso, juntamente com um sacerdote, um voluntário, alguns possíveis focolarinos e um gen2, testemunharam que o Ideal é «uma prenda de Maria» ao mundo de hoje. Continuando depois em Iringa, juntamente com a família focolar de Hans e Maria Schwake, da Alemanha.

E depois Emanuela Gerlone, focolarina casada da zona de Turim, esteve em França; Ribes Riboldazzi, de Loppiano, na Inglaterra; Elena de Taranto, também de Loppiano, no Líbano; Loredana Martinas, da Mariápolis Romana, esteve na Moldávia...

Uma volta pelo mundo, de que só conseguimos contar um flach de algumas etapas.

*ao cuidado de Aurora Nicosia*



# “Luz e chama” até ao fim

Recordamos Vale Ronchetti numa entrevista que lhe foi feita, e onde se nota a sua profunda relação com Chiara.

No dia 8 de fevereiro de 2011 tive a graça de fazer, talvez a última, entrevista a Vale.

Percorremos alguns momentos da sua vida com Chiara: luz, alegrias, sofrimentos... uma unidade sempre profunda e imediata.

Aquele «olhar de entendimento», trocado com Chiara, em 1944, estava ainda muito vivo nela, apesar da forte prova causada pela doença. Às vezes notava-se uma certa renitência em falar, com receio de deturpar alguma coisa que Chiara tivesse já dado a todos nós: a experiência contida na meditação: «Quer-o revê-La em ti», assim como as descobertas de luz do verão de '49, em Tonadico, ou o tempo de «dor e amor» dos últimos anos. Mas, mesmo assim, como em todos os encontros com a Vale, recebi palavras sábias que são hoje uma herança para todos nós. Eis alguns excertos das suas respostas, fragmentos de «pérolas» que ela nos deu naquele dia. Na impossibilidade de voltar a lê-las com ela, procurei deixá-las tal como as recolhi ao vivo, na espontaneidade da linguagem falada.

## Como era Chiara na vida de todos os dias?

«Normal. Era a pessoa mais equilibra-

da e simples que se possa imaginar, sempre presente, presente com o próximo, presente contigo. Estavas sempre em primeiro lugar quando estavas com ela, parecia que visse por ti, sempre».

## Alguns momentos particulares da tua vida com ela?

«Muitos momentos particulares. Poder-se-ia dizer que, com Chiara, era sempre um momento particular, nunca era feito em série. Era sempre uma coisa nova, sempre fresca, sempre viva. Tanto se levasse uma chávena de chá, ou contasses o que tinhas feito, tudo se tornava importante quando o dizias a Chiara. E ela percebia também aquilo que não dizias».



© C.S.C. Audiovisivi

## Tu estavas em 'Baita Paradiso'. O que é que recordas daquele ano de 1949? Chiara fala de uma vida simples, dos pequenos trabalhos domésticos...

«Era mesmo isso. Estávamos quatro ou cinco naquele pequeno chalé. A Lia e a Marilen, nalguns momentos a Bruna e a Giosi. A Natalia trabalhava em Trento.

Mas vivia-se, sabes: não era uma coisa... Eu estava na cozinha, fazia o almoço. Cozinhava-se num fogão daqueles redondos, pequenino. Era uma vida normal. Íamos à Missa de manhã, depois ficávamos um pouco lá e Chiara e eu contávamos o que tinha percebido. Viviam-se aquelas realidades, que se sucediam

uma atrás da outra, continuamente. Viava-se “dentro”».

### ***Nos anos Cinquenta estavas em Roma com Chiara?***

«Estive em Roma com Chiara, mas depois fui abrir a zona europeia, em Bruxelas. Chiara vinha visitar-me a Bruxelas e eu ia buscá-la ao aeroporto. Em '58 realizou-se a famosa exposição internacional de Bruxelas, a “Expo '58”. Chiara disse: “É necessário fazer uma Expo de Deus. Já em Bruxelas, Chiara via o mundo unido.

Na Exposição, cada nação tinha um pavilhão e também a Rússia e outros Estados da então União Soviética tinham os seus. Para nós era a abertura ao “Ut omnes”.

uma garantia. [...] Lembro-me que não levei nem o terço, nem a cruz, nem sequer o Evangelho. Nenhum sinal sagrado. “Sede Epístolas vivas”: só o testemunho da vida. Estávamos mesmo fora de tudo, em pleno ambiente moscovita, Foi uma experiência fortíssima».

### ***A polícia secreta deu-se conta de ti?***

«De tudo. Estudava russo usando um gravador, escrevia o diário todos os dias e deixava-o aberto de propósito no meu quarto de hotel para que soubessem tudo aquilo que fazia. Devia ter uma vida límpida. Estava sempre no teatro. Tinha um cartãozinho com a minha fotografia: “senhora italiana”. Em resumo, uma espé-



Vale com Marita Sartori



Com Liliana Cosi diante do Bolshoi

Em 1965 e 1966 estive em Moscovo. Chiara mandou-me com a Liliana Cosi. Penso que Chiara soube ler os sinais dos tempos, porque a Liliana queria entrar no focolar, e disse que tinha de decidir rapidamente, porque devia partir para Moscovo onde tinha um contrato estabelecido entre o Teatro Scala e o Bolshoi. Chiara viu ali um sinal, não a impedindo de ir mas fazendo-a entrar no focolar, acompanhada por uma de nós. Sim, foi um sinal dos tempos lindíssimo, novo: um intercâmbio cultural e um mundo totalmente afastado da religião, porque era o mundo do *bal-let*, o mundo dos comunistas, o oposto daquilo que podia ser uma proteção ou

cie de passaporte. Tudo, tudo era transparente. Estimavam-nos muito, tanto que, no final daqueles meses de estudo, quiseram que a Liliana dançasse no Bolshoi, com a equipe do Teatro, o “Lago dos cisnes” de Tchaikovsky. “A prenda da Rússia à Itália”, disseram. Mesmo com estima, por amor. Gostavam mesmo de nós. A Lilli voltou a ir lá muitas vezes, durante muitos anos. E eu acompanhava-a também porque os espectáculos [...] repetiam-se em muitas nações da ex-União Soviética. Nos últimos seis anos de atividade na Obra, estive na Rússia, e fui várias vezes à Sibéria. Também nos mais de trinta anos em que fui responsável pelas religiosas fiz

muitas viagens em todo o mundo, para visitar as religiosas que vivem o Ideal».

### **Como é que Chiara acompanhou o desenvolvimento do ramo das religiosas?**

Chiara tinha muita delicadeza para com as religiosas, muita elegância, muito respeito também pelos grandes carismas dos santos. [...] Tratava-as como amigas: a amizade no fazer-se santas. Observem a delicadeza com que dá a mão à Madre Teresa de Calcutá. Ali percebe-se qual é a atitude de Chiara para com as religiosas, é só doação. Nunca pediu.[...] Incrível como Chiara considera todos os fundadores! É mesmo uma maravilha. Vê aquilo que Deus vê, em cada carisma».

### **Quando se começa a conhecer um pouco a história da Obra, fica-se fortemente impressionado com o amor, a fi-**

Recordo que estávamos em Vigo, em Baseldade Pinè, à volta de uma mesa, seis ou oito de nós. Não tínhamos uma máquina de escrever e ela ditou uma carta na qual dizia que era muito possível que a Igreja a tirasse do Movimento.

Nós escrevíamos. Chorava-se mas escrevia-se.

E ela, explicava e fazia sempre a vontade de Deus. [...] A unidade! Percebe-se a vida de Chiara se se compreende o que é a unidade. Porque não é nunca por virtude, é unidade. Porque não é nunca só pobreza, é unidade. Porque não é nunca só obediência, é unidade. Por isso também a santidade estará no uno, todos um».

### **Nos últimos anos Chiara quis-te a seu lado...**

«Sim [...] Disse-o mesmo: “A Vale sim”. Então chamaram-me e eu fui ime-



Com as religiosas



Na Hungria, a receber uma cidadania honorária atribuída a Chiara



Com o Pastor F. Ashoff

### **delidade de Chiara a Deus e à Igreja, até quando a aprovação estava em risco e não se sabia o que se iria pedir a Chiara...**

«Sim, é verdade. A Deus e à Igreja.

Chiara acreditava nas circunstâncias, acreditava no amor, sentia-se que ela acreditava no amor de Deus que guia todas as coisas. Ela procurava sempre, dava uma explicação, vivia as coisas, explicava-as. Era mesmo uma mulher de luz. Amando a dor, encontrava sempre uma explicação. [...]

diatamente ali. E logo que entrei, recordo, disse à Eli: “Que bom! É como nos primeiros tempos”. Tínhamos uma relação de alma como no início do Ideal [...] eu sentia aquele seu olhar de predilecção. O estar com ela era uma dádiva de Deus».

### **Chiara sofreu muito?**

«Sim, mas ela explicava-o muito bem. Até quando fala da sua noite de Deus, sabe-o explicar de um modo muito carismá-



tico! Nós não conseguimos contar nada em comparação com aquilo que ela sabe dizer, e explica, e comunica. Porque, quando ela descreve os seus sofrimentos ela oferece-os, não é só um contar. Diria também que nunca estive ao lado de Chiara como observadora. Participava-se. Por isso quando ela falava percebia-se, mas entretanto vivia-se, vivia-se. Não se estava a contemplar Chiara a sofrer, vivia-se juntas, de um modo vital, não como observadores [...]. Pelo menos não era essa a minha atitude, era antes de amor recíproco. Estava imediatamente em unidade.

Era uma vida carismática, a de Chiara [...], totalmente uma presença de Deus até ao último momento. Quando fui saudá-la – foi mesmo a última saudação – apertei-lhe a mão e ela disse-me: “Ciao Vale” e eu: Chiara, encontras-me no “sim” que tu dizes agora”. Ela respondeu-me: “Sim”. Foi assim



Na Sérvia



Na Lituânia

que nos deixámos, tanto que eu tenho a impressão de tê-la sempre próxima, como se estivesse viva».

***Neste momento da Obra, o que achas que Chiara gostaria que nós viêssemos para sermos fiéis ao carisma?***

«Entretanto temos uma grande graça: a de ter a Emmaus. Foi uma das graças maiores que nos foram concedidas porque realmente tem mesmo a graça, para

o momento presente, de abraçar toda a Obra na sua realidade histórica e também carismática.

Portanto: continuar a estar unidos à Emmaus, para não nos perdermos em emaranhados inúteis, porque o importante é fazer aquele pouco que se deve fazer, para seguir a vontade de Deus no momento presente. Não sair dali, para não divagar nas coisas.

E depois: cada um ouvir “aquela voz” e obedecer, porque não há nada mais sério do que “aquela voz”. Por exemplo, depois desta minha doença, esta operação, lembro-me que parecia que me dissesse: “Tenho necessidade da tua ausência”. Por isso, é importante a presença, mas também a ausência. Eu estava presente por todo o lado e agora devo fazer aquilo que



Deus me pede: um esforço enorme diante de cada prato que devo comer, para fazer gotejar a alimentação no organismo lentamente, lentamente. Fazer aquilo que Deus nos pede, que é aquilo que Deus quer hoje. Não temos outra coisa a fazer. É preciso segui-Lo».

*Lucia Abignente*

(vedi profilo di Vale Ronchetti su [www.focolare.org/notiziariomariapoli](http://www.focolare.org/notiziariomariapoli))

Publicamos os telegramas da Emmaus sobre os últimos que chegaram à Mariápolis celeste.

## Bispo Lucas Donnely OMD

*O primeiro Bispo «cidadão» de uma Mariápolis permanente*

No dia 31 de agosto voltou à casa do Pai mons. Lucas, bispo emérito de Deán Funes (Argentina), da Ordem dos Mercedários. Há 12 anos que ele era cidadão da Mariápolis Lia, em O'Higgins (Buenos Aires).

Completara 91 anos em Junho. Alguns dias antes não se sentia bem, com dificuldades respiratórias e após um breve internamento no hospital, voltou para sua casa, o focolar sacerdotal, rodeado pelo amor dos dois sacerdotes que viviam com ele, e pelos focolarinos e focolarinas.

Esteve sempre consciente e, enquanto um pequeno grupo rezava o terço, expirou serenamente.

Conheceu o Movimento no fim dos anos 50 e teve sempre um grande amor pelo Ideal, dando a muitos a luz do carisma da unidade.

Foi um dos primeiros Bispos amigos do Movimento e dedicou-se ao desenvolvimento deste ramo da Obra de Maria.

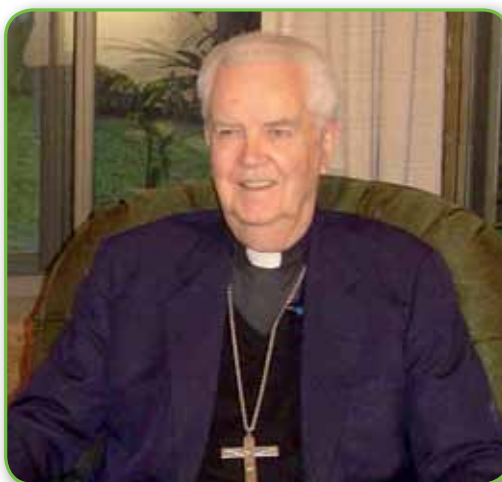
Quando emérito, viveu durante um ano em Loppiano, no Centro de espiritualidade «Claritas» e depois transferiu-se para a Cidadela Lia.

De facto, em 1995 mons. Lucas es-

creveu a Chiara confiando-lhe o desejo de fazer parte da Cidadela: «...Já que tu vês a Cidadela como expressão de todas as vocações da Obra, assim completar-se-ia o panorama de todas as vocações da Igreja». Em 2000 realizou-se este desejo, e Chiara escreveu-lhe: «*Bem-vindo à primeira Cidadela que tem a alegria e a honra de receber, entre os seus habitantes, um sucessor dos apóstolos, um Bispo que tanto deu à Igreja. Para a Mariápolis – tenho a certeza – a sua presença e a sua sabedoria serão um verdadeiro tesouro, e Jesus no meio crescerá na Cidadela e tornar-se-á mais brilhante.*».

O mote episcopal de mons. Donnely era: «Praedica Verbum». No seu testamento exprimiu o que foi para ele o Ideal.

Eis um excerto: «Quero testemunhar o meu sincero agradecimento a Deus por



me ter concedido a inestimável graça de conhecer e de participar na espiritualidade da unidade. E, também, de me ter concedido a dádiva de viver os meus últimos anos num centro desta espiritualidade, como é a Mariápolis Lia. Neste centro, pude experimentar o que significa o

amor como experiência vital, o que significa viver com "Jesus no meio" em todos os momentos e circunstâncias da vida quotidiana. Assim, consegui compreender melhor o mistério de "Jesus Abandonado", chave da unidade com Deus e entre os homens e descobri o irmão como caminho direto para a união com Deus... E que o amor recíproco, à semelhança do amor entre as três pessoas da SS. Trindade é o vínculo indispensável para se viver

uma vida verdadeiramente cristã. A espiritualidade da unidade ou de comunhão deu-me a possibilidade de compreender e de viver com maior doação, a sublime vocação do batismo, da consagração religiosa, do sacerdócio e do episcopado... Por tudo isto agradeço mil vezes a Deus pela mediação da Santíssima Virgem Maria, minha Mãe de Mercedário».

Como era seu desejo, foi sepultado na catedral de Deán Funes, diocese da qual foi o segundo Bispo.

Gratos a Deus pelo tesouro do seu testemunho, rezemos por Mons. Lucas, na certeza de que, do Paraíso, vai ajudar sempre a Obra. Em particular, confiemos-lhe o Encontro ecumênico dos Bispos, no Cairo».

## Sigri Mayerhofer

«Apóstola» do Ideal no Leste europeu

No domingo, dia 9 de Setembro, Sigrid, focolarina casada e pioneira da Obra nos primeiríssimos tempos de Leipzig (Alemanha), chegou à Mariapolis celeste, reunindo-se ao marido Alfred e ao filho Stefan. Quando era jovem, conheceu a tragédia da guerra, na qual perdeu os seus dois irmãos e o pai. Talvez também por causa desta experiência de que «tudo passa» procurava uma vida enraizada profundamente no Evangelho.

Sigrid conheceu Alfred na universidade de Leipzig, quando estudavam medicina. Casaram-se em 1951 e tiveram quatro filhos. Ela e Alfred sentiam uma grande tristeza porque, naquele tempo, não encontravam na Igreja um caminho de santidade para os casados. Como casal jovem, procuravam ir diariamente à Missa, fonte de força para as suas vidas, num ambiente pouco cristão e sob o regime comunista da então RDA (Alemanha de Leste).

Em Setembro de 1959, um sacerdote

convidou-os para um encontro. Ali, Sigrid conheceu o Ideal através de Vale Ronchetti e Fons Stedile que, pela primeira vez, foram à sua cidade, por ocasião da Feira de Leipzig, com a finalidade de entrarem na RDA sem visto. Compreendeu logo que «tinha encontrado». A vida e a realidade de Jesus no meio que eles levaram ali foi como que uma fulguração, a resposta às suas muitas procuras. Depois de um ano, quando os «italianos» regressaram, também o Alfred pôde participar num encontro e, a partir daí, ficaram em contacto com o focolar de Berlim ocidental.

Naquele período obtiveram licença do Estado para fazerem uma viagem «profissional» a Roma, a convite de um focolarino casado, médico.

Durante aquelas duas inesquecíveis semanas conheceram Chiara e muitos focolarinos. Foi Chiara, pessoalmente, que fez um programa para a permanência deles. Seis semanas após o seu regresso a casa, fechou-se a fronteira com o «muro de Berlim».

Como «primeira família-focolar» de Leipzig, a casa dos Mayerhofer tornou-se, juntamente com os focolares que estavam a nascer, o «berço» para muitas pessoas da «zona violeta». Sigrid estava sempre com Natalia Dallapiccola, sua responsável de focolar: quantos encontros, muitas vezes vigiados pela polícia secreta, com sacerdotes, jovens, famílias! Muitas vezes, por prudência, o focolar man-



dava Sigrid e Alfred, como casal, levar o Ideal aos vários Países de Leste. Chiara, respondendo a uma carta onde Sigrid lhe recordava as viagens à Polónia, disse-lhe: «Obrigada pelas belas experiências sobre as primeiras sementes lançadas naquela terra muito amada por Maria. Será Ela a recompensar os “apóstolos” da Sua Obra».

Alfred e Sigrid foram colunas importantes para a vida da Igreja na RDA e ela também trabalhou gratuitamente durante 28 anos, como consultora matrimonial.

A Palavra de vida dada por Chiara, é: «... e aquilo que escutais com os ouvidos, dizei-o sobre os telhados (Mt.10,27).

Sifrid foi fiel ao carisma até ao fim. Em 1991 escreveu, de Ottmaring, a Chiara: «...nestes dias falou-se muito sobre a vocação ao focolar. Também em mim se reacendeu o forte chamamento de Deus... Prometo-te novamente que também agora me quero empenhar, na velhice, em corresponder a esta vocação sublime, vivendo Maria para, através Dela, participar na vida da Trindade».

Agradecemos a Deus pela sua vida longa, rica de frutos, como testemunham tantas pessoas. E, unidos aos filhos, Monika (focolarina em Colónia), Pace e Christoph, ofereçamos sufrágios por ela, que agora, mais do que nunca, nos poderá ajudar a desenvolver a Obra, especialmente na Alemanha.

## Charles Najjar

«Fruto maduro da nossa Obra»

Focolarino casado, libanês, com 56 anos, partiu inesperadamente para o Céu. No domingo de manhã, dia 16 de setembro, quando juntamente com a esposa, Marie-Thérèse, também ela focolarina, seguiam a transmissão direta da visita do Papa ao Líbano, sentiu-se mal.

Apesar da rápida intervenção da

Cruz Vermelha, o coração não voltou a bater. E Charles partiu com o seu maravilhoso sorriso nos lábios.

Ele próprio, em 1996, escreveu a sua história a Chiara: «Durante a guerra no Líbano (tinha 19 anos) fui atingido por uma bala e fiquei paraplégico. Naquele momento pensei que a minha vida terminava ali, mas um pouco mais tarde compreendi que, pelo contrário, a minha vida tinha começado verdadeiramente. De facto alguns meses após o meu acidente, o grande Amor de Deus fez-me encontrar o Ideal. [...] Houve momentos difíceis, sob o ponto de vista físico e psíquico, mas por trás estava a beleza do trabalho de Deus. Sem o Ideal, nunca teria compreendido isto». E continuava: «Obrigado Chiara, [...] Fizeste florescer no meu coração uma flor eterna: “A flor de Deus Amor” e, até quando Deus o permitir, não deixarei que esta flor murche e perca a sua beleza. É este o presente que quero dar a cada próximo, em cada dia, em cada momento, em unidade com a minha família e com o meu focolar». Chiara respondeu-lhe, dando-lhe o nome: «*Floris = flor... que nunca perde a sua beleza, ao dá-la.*»

Teve uma vida muito ativa e com muitos frutos. Desde os anos 80, Charles e Marie-Thérèse, juntamente com os filhos Yoanna e Marc, empenharam-se em viver o Ideal e, com o passar do tempo, tornaram-se colunas, um verdadeiro testemunho para muitas famílias e também para muitos jovens que, na diocese, se preparavam para o matrimónio.

Charles era, ao mesmo tempo, dócil



e forte: nunca se ouviu lamentar do seu estado, apesar das inúmeras dores que o acompanharam. Estava sempre presentíssimo quer espiritualmente, quer fisicamente no focolar e na Obra, na zona. A unidade com ele era constante. Alguns focolarinos recordam-no assim: «Construía sempre a harmonia entre todos e, quase sempre, de forma silenciosa. Era realmente o exemplo de como um homem se pode tornar Maria». «A sua humildade, colocando-se sempre no último lugar e dando o primeiro lugar aos outros, tocava-me e edificava-me. Este seu modo de amar fazia-me sentir completamente livre e muitas vezes contava-lhe coisas minhas, pessoais». «Uma sua característica era a de nos fazer esquecer a sua deficiência. Com o seu humor, com o seu sorriso constante, com o seu amor puro, Charles era o exemplo do amor gratuito e da misericórdia». E Farouk da Argélia referiu: «Conheci bem o Charles; fizemos juntos uma bela experiência de amor recíproco. Era a primeira vez que contactava de perto com um muçulmano (depois da sua experiência passada); juntos, vivemos momentos muito fortes». Muitos dos seus colegas sublinhavam o seu profissionalismo, autenticidade, integridade e dedicação ao trabalho. O seu filho Marc disse: «Nas maiores dificuldades, eu e a minha irmã Yoanna refugiávamo-nos no nosso pai e ele ajudava-nos sempre a vencer as dificuldades e o desânimo. Depois de falarmos com ele, ficávamos cheios de confiança em nós próprios, de esperança e de paz interior». A sua Palavra de vida é: «Procurai sempre tornar mais segura a vossa vocação e a vossa escolha». (2 Pt 1,10).

Amava muito o seu país e pensamos que a coincidência da sua partida para o Paraíso, quando o Papa estava no Líbano, contribuiu para as inúmeras graças daqueles dias. Ofereçamos a Deus este fruto maduro da nossa Obra.

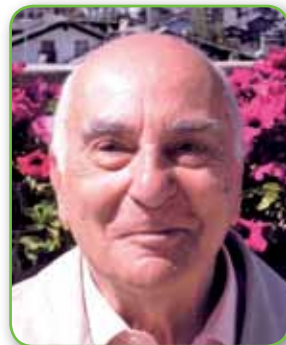
## Walter Baldassarre

O “*nada de Maria*” atraí-me

Walter, focolarino casado da Mariapolis Romana, segunda-feira, dia 10 de setembro, chegou serenamente ao Céu. Tinha 86 anos. No domingo anterior tinha seguido com atenção, via internet, o encontro da Mariápolis Romana que se realizou no Centro da Obra. À noite, inesperadamente, teve de ser levado para o hospital, devido a uma complicação respiratória, tendo falecido no dia seguinte. Nessa mesma manhã disse a um focolarino do seu focolar: «Tenhamos Jesus no meio! Saúda todos os focolarinos».

Walter formou-se em Medicina em Roma e tinha o desejo de se tornar médico missionário. Por isso estudou as línguas chinesa e tibetana pensando poder ajudar aqueles povos. Quando, em 1950, conheceu o Ideal através de Enzo Fondi, um dos primeiros focolarinos, seu colega de universidade, aderiu com o ardor e o impulso típicos da sua idade. Poucos anos depois, Walter, com grande entusiasmo, esteve em diversos focolares italianos: Trento, Florença, Loppiano e Pescara, mantendo sempre uma grande unidade com Chiara. Mais tarde, por motivos de saúde, não pode continuar a vida de focolar e em dezembro de 1970 casou-se com Maria Luisa, que se tornou também ela focolarina casada. Viveram primeiro em Roma e depois nos Castelos Romanos.

Walter manteve sempre, por escrito, uma intensa ligação com Chiara e em muitas das suas cartas transparece também o seu grande amor por Maria. Numa delas,



do ano 2000, diz: «*Para mim é aquele “nada de Maria” que me atrai e me fascina. Quero viver o seu nada profundamente, como tu, contigo. Um “não ser de amor” que nos torna incandescentes, é o programa da minha vida*».

Em 1997, escreveu a Chiara: «Fisicamente não estou bem... não posso fazer nada de concreto pela Obra exceto oferecer tudo de mim. Vejo a importância do momento presente e da Vontade de Deus...». Numa outra carta posterior: «Ter Jesus no meio no focolar e na família é tudo para mim».

Tinha um desejo no coração: «Peço a Deus, antes de morrer, para me voltar a conceder todas as graças que tiver perdido por não ter percebido ou por não ter feito a Sua Vontade, para que o Seu desígnio sobre mim se realize com toda a sua plenitude». A Palavra de Vida que Chiara lhe deu é: «Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48).

## Lelio Bernardi

«*Peço a Maria para te acompanhar*»

Sábado, 25 de agosto, Lelio, focolarino casado de Roma, partiu para a Mariápolis Celeste quando se encontrava em Lourdes, de visita ao santuário de Maria, que tanto amava.

Nasceu em 1935 e era licenciado em Agricultura e Ciências Florestais. Conheceu o Ideal em julho de 1955, quando acompanhava o então Assistente da Ação Católica Italiana a uma das primeiras Mariápolis, que naquele ano se realizava em Vigo di Fassa. Ali, através da Virgo Folonari, pôde encontrar-se com Chiara. Ficou sem-



pre em contacto com o focolar de Roma. Naqueles anos, durante uma Audiência, Lelio teve a oportunidade de saudar, em nome do Movimento dos Focolares, o papa Pio XII, que lhe apertou as mãos com força. Por aquele gesto, percebeu o quanto o Papa estimava a Obra, tendo de imediato dado conhecimento disto a Chiara.

Em 1959 entrou no focolar, em Florença e depois em muitas outras cidades: Paris, Grottaferrata, Caltanissetta, Catanzaro, Loppiano e em Tlemcen, na Argélia.

Em 1968 esteve também na Polónia e, em Varsóvia, trabalhou como investigador na Academia das ciências polaca.

Em 1976, depois de um período de prova espiritual, deixou o focolar e, mais tarde, em Roma, casou-se com Flaminia Malaspina, que tinha conhecido no trabalho. Professor e jornalista, era também delegado do Vaticano junto de organismos internacionais: FAO, IFAD, PAM, tendo prestado serviço durante três anos na Mauritania e nas Guianas. Em meados dos anos '90, sentindo-se sempre filho de Chiara – apesar do sofrimento constante por aquilo que ele chamava «as minhas infidelidades» - escreveu-lhe, exprimindo o desejo de viver mais de perto a unidade com a Obra e de voltar a fazer parte do focolar, como focolarino casado.

Chiara respondeu-lhe afirmativamente, acrescentando: «Peço a Maria que te acompanhe com o seu amor materno nesta nova importante etapa da tua vida». Desde então ficou marcado pela humildade, virtude que lhe foi sempre muito querida até ao fim. Generoso e apostólico, tinha uma densa rede de contactos, até internacionais. Como pessoa que viajou muito e conheceu o mundo, tinha uma forma própria de ver as atuais crises da sociedade e da Igreja, mas tinha sempre a certeza que o Ideal era a resposta para os males de hoje.

Apoiou o nosso jornal fazendo muitas assinaturas de Città Nuova, com a qual co-

laborava propondo artigos interessantes e documentados sobre a fome no mundo, a agricultura e a distribuição planetária da riqueza, tendo em vista a perspectiva do mundo unido.

Em 1999, ficou em coma devido a um AVC, mas depois de ter recebido a Unção dos enfermos, foi-se restabelecendo gradualmente: facto que considerava uma graça especial. Nos últimos tempos sofria por causa da saúde, mas perseverava no empenho apostólico e em estar presente no focolar.

Podemos pensar que a sua morte em Lourdes, onde ia todos os anos, foi um sinal da sua forte ligação a Maria.

## P. Pedro Luis Carmona

«Por eles, santifico-me a mim próprio»

O p. Pedro, nasceu em Sevilha (Espanha) e ficou órfão na infância. Ainda muito novo, manifestaram-se sintomas de uma doença muito grave que o acompanhou durante toda a sua vida. Nos longos anos passados no hospital amadureceu nele a vocação à vida religiosa. Foi de lá que foi para o Mosteiro da Ordem dos Jerónimos, onde passou os anos de formação. Em 1971 foi ordenado sacerdote.

Os seus primeiros contactos com o Ideal aconteceram no Mosteiro, através dos livros de Chiara. Depois de ter vivido alguns anos como monge, tornou-se sacerdote na diocese de Sevilha. Iniciou aqui a sua aventura no focolar sacerdotal.

A Obra tornou-se cada vez mais a sua família. Foi um grande apóstolo do Ideal, na

comunidade paroquial que lhe estava confiada. A sua Palavra de Vida era «Por eles, santifico-me a mim próprio» (Jo 17,19).

Passou os últimos anos em diversas Casas para sacerdotes doentes, onde se destacou pelos contínuos serviços concretos a todos os seus companheiros. Fazia-o na farmácia ou a trabalhar no computador, também para a paróquia vizinha, quando a saúde lho permitia. Ultimamente percebeu que devia intensificar a tensão à santidade, empenhando-se em crescer na vida interior, sobretudo com a oração. Aos companheiros

de focolar comunicava o desejo de renovar a sua fidelidade a Deus e pedia ajuda para continuar a crescer na união com Ele.

No dia 20 de Abril, com 78 anos de idade, partiu para o Pai.

Toni Torres



## Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: o pai de **Isabelle Crismer**, foc.na em Bruxelas; Alzira, mãe de **Rosana Budag**, foc.na no c.zona de Porto Alegre (Brasil); a mãe de **Ivone Bortolato**, foc.na na Mariápolis Ginetta (Brasil); Patricia, mãe de **Kres Gabijan**, foc.na na Cidadela Paz (Filipinas); Rocco, marido de **Oana**, foc. na cas. em Pescara e pai de **Carlo Filippo, Riccardo, Enrico**, gen2 e **Edoardo Porreca**, gen3; Felipa, Mãe de **Luis (Roberto) Abella**, foc.no no c.zona de Montevideu.

### MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXIX • Novembro de 2012 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

# Início do novo ano!

No fim de semana 3 e 4 de novembro estiveram reunidos em Fátima cerca de 800 membros do Movimento dos Focolares, para se iniciar o novo ano. A Teresa Guedes e o Tobé Oliveira referiram os acontecimentos e temas abordados durante o encontro dos delegados da Obra de Maria, nas várias regiões do mundo, com a Emmaus, o Giancarlo e todo o Centro da Obra. Foram 3 semanas intensas, no mês de setembro e começo de outubro.

Foram 2 dias de graças extraordinárias com uma forte presença de Jesus no meio num clima de família e de alegria contagiante.

O tema do ano – a presença de Jesus no irmão - reavivou em muitos a frescura do primeiro encontro, com a nova descoberta do irmão: “Percebi que tenho que recomeçar a viver de um modo novo a ‘arte de amar’”; “Percebi o que significa ‘fazer-se-um’”; “Tenho que me converter...”. Estas e muitas outras foram impressões espontâneas de muitas pessoas, depois de terem ouvido o tema da Emmaus.

Um momento importante foi a tarde de sábado quando, em três blocos distintos, se percorreram as etapas da viagem da Emmaus e do Giancarlo a Portugal, em Agosto passado. Voltar a ouvir as respos-



tas deles em Fátima e nos momentos de refundação das várias realidades da cidadela foi um verdadeiro tesouro para todos, multiplicando as graças recebidas também no coração daqueles que não estiveram presentes nos vários momentos daquela semana.

A apresentação do Genfest com as experiências dos e das gen e a apresentação do United World Project (Projeto Mundo Unido) foram momentos altos do programa.

Todos partiram fortificados, apóstolos de unidade, para continuar a semear o Ideal por toda a parte e assim frutificar a cem por cento o tesouro do Carisma que Chiara nos deixou.

